



Comunidade e comodidade

Conheci a vida Xakriabá a partir dos meus cinco anos de idade, quando meu povo vivenciava um grande “tsunami” da vida, que era uma luta contra invasores que pretendiam tomar as nossas terras.

Meu pai, Osvaldo Fernandes, foi um dos líderes que, juntamente com um grupo forte de lideranças na época, enfrentaram esse confronto. Foi uma verdadeira guerra que hoje se destaca na história Xakriabá. Foi graças a essa luta presenciada que eu hoje me inspiro na persistência, pois cresci com uma forte marca na memória, que foi ver meu pai uma tarde toda na mira de um revólver, juntamente com seus irmãos e cunhados que também ali em minha casa estavam presentes.

Naquele tempo tudo era difícil, não só pelos confrontos, mas também em termos financeiros. Mesmo assim, tudo era compartilhado e talvez as pessoas vivessem mais em comunidade, com essa coisa gostosa de viver e conviver...

As criações que tínhamos não eram somente para o consumo familiar e sim para o consumo coletivo: por exemplo, quando se matava um porco, uma vaca ou um veado, aquilo era dividido entre todos os parentes, ficando para o dono apenas uma pequena parte e talvez as mais inferiores... E esse hábito era frequente na minha comunidade.

O tempo foi passando... As coisas foram ficando diferentes; o conforto financeiro para a maior parte das famílias melhorou e muitos costumes diminuíram, ou não existem mais.

A nossa vida indígena, hoje, mudou muito com a chegada da modernização, da tecnologia e das políticas, tanto partidárias quanto as nossas políticas internas, que têm mudado o nosso jeito de viver.

Influenciados por essas razões, o termo “comunidade” cada vez mais está sendo substituído pelo termo “comodidade”. Muita gente já está acomodado com

um outro jeito de agir e pensar que não faz parte do nosso mundo.

Hoje, a chegada da energia elétrica tem levado muitas famílias, sobretudo os jovens, a deixar de praticar os nossos costumes. Como exemplo disso se destaca a televisão, à qual muitos Xakriabá dedicam a maior parte do seu tempo. E como isso é prazeroso, as pessoas vão se acomodando a essa tecnologia e se esquecendo dos momentos da comunidade.

Nas noites de lua clara, antes era um espaço usado para as famílias contarem histórias, brincarem de roda e se divertirem; hoje, esse espaço foi substituído pela televisão. Sou professora na minha aldeia e às vezes os meus alunos me falam assim: - 'Azilda, conta histórias para nós! Em minha casa ninguém conta história'. E como na minha infância eu aprendi muitas histórias com meu pai e outras pessoas, as histórias vão surgindo e eles não perdem as palavras.

Eu tenho me preocupado muito com essa mudança que a gente chama de desenvolvimento!

Será que é isso mesmo que queremos?

A televisão é boa, conforme o que a gente busca nela, pois caso contrário ela se torna uma arma muito perigosa! Sobretudo para nós indígenas, que mantemos em nossa tradição o respeito aos mais velhos de luta. Essa é a vida em comunidade, pois a oferta de tais desenvolvimentos nas comunidades indígenas é uma verdadeira comodidade – onde cada um constrói o seu mundinho.

Certo dia, fiquei surpreendida em ouvir o meu tio dizer assim: “Se eu chegar na casa de um vizinho e tiver uma televisão ligada, eu vou embora, porque eu vou na casa dos meus vizinhos é para prosar, ouvir coisas novas, diferentes... e não para assistir televisão, pois televisão já tenho em casa, e tem em todo o canto”.

Achei linda essa atitude dele e desejei que todos os Xakriabá pensassem assim. Eu imaginei quantas novidades têm prejudicado os nossos valores!

Recordei também da primeira discussão para criar associações dentro da reserva indígena Xakriabá. Eu não entendia nada! Muitas pessoas diziam que era bom; outras diziam que não era, inclusive o meu pai não gostou da idéia. Somente quando cresci foi que entendi o porquê dele não concordar, pois, segundo ele, associações não eram coisa de índio – e nós, por sermos indígenas, devemos ter os nossos direitos garantidos sem precisarmos estar subordinados à associações para assim receber algum benefício...

Mesmo assim, com nossas políticas internas, as coisas aconteceram. Hoje, na reserva indígena Xakriabá, muitas associações já foram criadas, e com elas muitos projetos têm surgido beneficiando o povo.

A luta no Xakriabá é contínua, mas a implantação da escola indígena diferenciada tem nos dado a oportunidade de refletir sobre o que queremos e sobre a autonomia que nos foi dada a partir do nosso estudo. Podemos refletir na escola sobre a diferença entre esses dois mundos: o mundo da comunidade e o mundo da comodidade.

O mundo da comunidade está ligado à partilha, aos valores culturais e sociais, enquanto o mundo da comodidade está ligado aos bens materiais, ao individualismo e a outros substitutos dos valores.

Agora me pergunto: será que os nossos velhos, que brilharam tanto na guerra contra os invasores, estão tendo autonomia? Devemos parar e pensar... Eles não querem coisas materiais, e sim, valores...

Que valores são esses? Participar das conversas e das histórias que eles têm para nos contar, divulgando a importância deles para nós, enfim, nunca substituir eles por outros meios, sendo que eles ainda estão presentes.

O nosso país é democrático e nas comunidades indígenas também há “democracia”, mas a democracia indígena precisa ser preparada para valorizar os nossos velhos, porque foi eles que lutaram pela terra, por nossa identidade e para que nós tivéssemos hoje um território interior, que são valores que regem nossa vida social.

E nós educadores temos um papel importante, que é lutar em prol da vida indígena em comunidade, filtrando criticamente tudo aquilo que nos leva para a acomodação.

E por aqui fica mais uma história.



Azilda da Mota Ribeiro Corrêa
Professora Xakriabá